

# JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

## **O fazer jornalístico e a participação ativa do cidadão: novas formas de pensar o jornalismo atual**

Maria Elisabete Antonioli, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA USP, com pós-doutorado na mesma instituição. É coordenadora e professora do Mestrado Profissional de Produção Jornalística e Mercado e do bacharelado em Jornalismo da ESPM.

### **Resumo**

Este trabalho aborda o fazer jornalístico atual, tendo em vista a participação ativa do cidadão que, atualmente, não se encontra mais apenas na condição de receptor e, sim, na condição de emissor também. Diferentemente do passado, em que o público mantinha uma relação verticalizada com o jornalista, pois apenas recebia informações e tinha poucas possibilidades de participação, hoje sua relação com o profissional é horizontal e em mão dupla. Ele não somente recebe a informação, como tem a possibilidade de responder, replicar, opinar e, ainda, deter a posição de emissor de sua história ou de fonte. Essa participação, possibilitada principalmente pelo ambiente digital, é discutida nesse trabalho e, para tanto, optou-se por utilizar um material empírico, proveniente de entrevistas com seis jornalistas, de um total de nove que foram efetuadas. Além das entrevistas, o trabalho conta com apoio bibliográfico.

**Palavras-chave:** cidadão; jornalista; jornalismo; emissor; receptor; mídias sociais.

### **Introdução**

Este trabalho tem como referência inicial o pensamento do pesquisador Manuel Carlos Chaparro (2007, p. 15;16) que discorre sobre as mudanças no jornalismo ao afirmar que, anteriormente “não havia notícia fora do jornalismo e sem a intervenção mediadora do jornalista”, mas, agora, a realidade é outra pois “o controle da notícia pertence, hoje, a quem produz os

## JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

acontecimentos, os fatos, as falas, ou seja, os conteúdos discursivos que o jornalista socializa. ” É o que ele chama de “revolução das fontes’.

Tendo em vista as palavras de Chaparro e a importância que se verifica, atualmente, no envolvimento da sociedade junto ao jornalismo, seis experientes jornalistas responderam ao seguinte questionamento: A participação da sociedade, principalmente pelas mídias sociais, trouxe mudanças para o jornalismo e para o perfil do profissional. Qual sua opinião a respeito? Portanto, neste trabalho, optou-se, metodologicamente, na apresentação de um material empírico, fruto das considerações dos jornalistas: Caio Tulio Costa, diretor da Torabit; Celso Teixeira, diretor de Comunicação da Rede Record; João Paulo Charleaux, repórter do Nexo; Leão Serva, colunista da Folha de S. Paulo; Milton Yung, âncora da CBN; Ricardo Gandour, Diretor Nacional da CBN.

### **Jornalistas e cidadãos**

O acesso simplificado à tecnologia e a facilidade com que nos conectamos em rede permitem que o cidadão conte os fatos a partir de seu ponto de vista, construa sua própria história, influencie pensamentos e se transforme em fonte da informação. Uma quebra de hierarquia em sociedades que se acostumaram a ter nos meios de comunicação o monopólio da notícia.

Esse empoderamento, que democratiza os debates e mobiliza a sociedade, não significa que o cidadão é um jornalista. Ele seguirá cidadão, mais forte e influente, e o jornalista permanecerá com seu papel de cobrir os assuntos, levantar as mazelas, cobrar mudanças, identificar exemplos e buscar a verdade que se constrói na investigação e não apenas no primeiro olhar. Tem obrigação de mediar as forças envolvidas, encontrar o equilíbrio que ajuda a esclarecer e assumir a responsabilidade da publicação, respondendo pelo que diz, mostra e escreve.

## JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

As palavras acima foram escritas pelo jornalista Miton Yung, que resolveu usá-las, também, para sua entrevista. O jornalista faz parte do grupo de profissionais que veem com entusiasmo essa nova condição de participação do cidadão no processo comunicacional.

Em concordância com Yung, o jornalista Ricardo Gandour acha que é absolutamente positiva a participação da audiência na emissão de conteúdos. Para ele, em menor escala, isso já existia mesmo antes da revolução digital. O que acontece agora é que as possibilidades foram muito ampliadas, e isso exige do jornalista ainda mais humildade e atenção às manifestações da audiência. Gandour afirma ainda que, se o jornalista souber usar isso de forma positiva e como um precioso subsídio para o seu trabalho, “ele saberá ‘devolver’ isso de forma ainda mais útil para sua audiência”. Complementa também: “no fundo, os leitores percebem quando um jornalista trabalhou bastante para eles, e o valorizam.”

Celso Teixeira alerta, no entanto, que para o jornalista esta é mais uma fonte de informação de tendências e opiniões. Por isso, cabe a esse profissional traduzir e consolidar essas informações com o trabalho convencional de consultar fontes, fazer entrevistas e pesquisar dados sobre o que acontece nas redes sociais e entender de que forma isso pode interferir na vida das pessoas.

O jornalista Leão Serva chama a atenção para que as mídias sociais não sejam confundidas com jornalismo. Segundo o entrevistado, as mídias sociais são a expressão da voz das individualidades e o jornalismo é a expressão do espaço público, necessariamente coletivo e hierarquizado. Para ilustrar e diferenciar essas duas instâncias, Serva afirma: “se a rede social reflete o barulho da feira, o jornalismo reflete a organização de uma assembleia política”.

## JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Já João Paulo Charleaux também comenta sobre as mídias sociais e sobre as mudanças atuais. Para ele as mídias sociais deram poder às fontes e expuseram os jornalistas que têm informações pela metade ou mal apuradas. Portanto, deu voz a quem discorda ou corrige. Para ele: “essa interação pode ser positiva. O efeito negativo é a formação de nichos de aprovação, que favorecem o jornalismo de conforto, que joga para agradar setores específicos de pressão da sociedade”.

Por fim, Caio Túlio Costa afirma que as mídias sociais trouxeram pessoas, instituições e empresas para o cenário da notícia e os tornou concorrentes do jornalista “independentemente da qualidade e da veracidade do material produzido”. Segundo o entrevistado, o ambiente se tornou mais complexo e mais competitivo. Para ele: “o jornalista se transformou num ator coadjuvante, diferente do papel que tinha antigamente, que era o de ator principal da notícia. Esta nova realidade só torna mais necessário o jornalista enquanto mediador e fiador da acuidade da informação.”

O confronto das falas dos seis entrevistados possibilita considerar que hoje o jornalismo vive em um novo cenário, em que há diversos atores contracenando. Nesse sentido, o jornalista deve se destacar pela qualidade do material produzido, seguindo não apenas os critérios metodológicos para a construção da notícia, como também, os princípios éticos que orientam a profissão para que possa se diferenciar das diversas vozes sociais presentes.

### **Considerações finais**

É relevante afirmar que os jornalistas entrevistados estão em sintonia com o pensamento do pesquisador Chaparro que, por meio de seus estudos, procura demonstrar a presença da sociedade na condução dos fatos jornalísticos. Portanto, quer seja mediante o pensamento de um pesquisador, quer seja mediante a empiria dos profissionais, é comum que o jornalista e o cidadão dividam o mesmo espaço. Mas é importante lembrar, também, que

# JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

embora estejam mais próximos, há uma diferença fundamental entre eles: a notícia. Fruto do trabalho do jornalístico, a notícia é a produção elaborada com o rigor que a profissão requer, assim, é ela que dará credibilidade ao trabalho jornalístico.

## **Referência**

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 2007.

## **Entrevistas**

Caio Tulio Costa - diretor da plataforma de monitoramento Torabit.

Celso Teixeira - diretor nacional de comunicação da Rede Record.

João Paulo Charleaux - repórter do jornal Nexo.

Leão Serva - colunista da Folha de S. Paulo.

Milton Yung - âncora da rádio CBN.

Ricardo Gandour - Diretor Nacional da rádio CBN.